RIONEGRO
Family Office



Eleição, dólar, bolsa e juros: o que 30 anos de história mostram.

O que aconteceu com o dólar, a bolsa e os juros depois de cada eleição presidencial desde o Plano Real, e o que essa história ensina (e não ensina) sobre 2026.

Por **João Soares - Cofundador do Grupo Rio Negro**

Em ano de eleição, a pergunta aparece em quase toda conversa sobre investimentos: o que acontece com o dólar, a bolsa e os juros depois da votação? Para responder, olhamos as nove eleições presidenciais desde o Plano Real, de 1994 a 2026, com números do Banco Central e da B3.

A resposta curta é que a eleição aumenta as oscilações, mas não decide sozinha a direção dos preços. O que define o ano seguinte são as primeiras decisões do novo governo, principalmente sobre as contas públicas, e o que acontece no resto do mundo.

O mercado se antecipa às urnas

Quando cresce a chance de vitória de um candidato que o mercado vê como menos comprometido com o equilíbrio das contas públicas, os investidores pedem mais retorno para manter dinheiro no país. Esse pedido extra, chamado de prêmio de risco, aparece no dólar mais caro, nos juros futuros mais altos e no risco-país. Quando a incerteza se resolve, parte do prêmio sai.

O economista Javier Santiso documentou essa relação nas eleições de 1994, 1998 e 2002: o risco-país subia à medida que o candidato visto como mais incerto avançava nas pesquisas. O caso extremo foi 2002. Em 27 de setembro daquele ano, o risco-país chegou a 2.436 pontos. Na prática, o governo pagava cerca de 24 pontos percentuais ao ano acima dos títulos americanos para se financiar em dólar.

Outro padrão aparece nas eleições recentes: o maior movimento costuma vir no pregão seguinte ao 1º turno, não ao 2º.

Eleição	Ibovespa no dia útil após o 1º turno	Ibovespa no dia útil após o 2º turno
2014	+4,72%	−2,77%
2018	+4,6%	−2,24%
2022	+5,54%	+1,31%
2026	+7,70%	2º turno em 25 de outubro

No 2º turno, a notícia já estava em boa parte nos preços. Em 2018, por exemplo, a bolsa chegou a renovar a máxima no dia seguinte à eleição, mas fechou em queda de 2,24%, com realização de lucros e queda das bolsas americanas.

Trinta anos em um quadro

O quadro mostra o dólar logo após o 1º turno e um ano depois, e a taxa Selic no mesmo intervalo. Número positivo no dólar significa que o real perdeu valor.

Eleição	Resultado	Dólar no dia útil após o 1º turno	Dólar 12 meses depois	Selic: na eleição	Selic: 12 meses depois
1994	FHC, no 1º turno	−0,5%	+12,4%	não havia meta	
1998	FHC reeleito, no 1º turno	+0,2%	+63,8%	não havia meta	
2002	Lula	+1,0%	−21,5%	18,00%	19,00%
2006	Lula reeleito	−0,5%	−19,1%	14,25%	11,25%
2010	Dilma	+0,4%	+0,4%	10,75%	11,50%
2014	Dilma reeleita	−3,3%	+54,7%	11,00%	14,25%
2018	Bolsonaro	−2,9%	+2,8%	6,50%	5,50%
2022	Lula	−3,8%	−7,4%	13,75%	12,75%
2026	2º turno em 25 de outubro	−4,6%	—	13,75%	—

Dólar: cotação oficial de venda do Banco Central (PTAX). Base: último dia útil antes do 1º turno. "12 meses depois": dia útil equivalente cerca de um ano após a eleição (após o 2º turno, quando houve). Selic: meta definida pelo Copom, que existe desde março de 1999.

Em 12 meses, o dólar subiu depois de cinco eleições e caiu depois de três. As duas maiores altas vieram depois de reeleições, e as duas maiores quedas, depois de vitórias de Lula. Ou seja, o perfil do vencedor não explica o resultado sozinho.

O dia seguinte não define o ano

A reação imediata diz pouco sobre os 12 meses seguintes. O que pesa é o que o novo governo faz logo no início: quem escolhe para a equipe econômica e como trata as contas públicas.

2002. O dólar subiu até a eleição, e o Banco Central elevou a Selic de 18% para 21% entre os dois turnos. O candidato eleito havia se comprometido, ainda em junho, a respeitar contratos e manter as contas no azul (a Carta ao Povo Brasileiro). No governo, montou uma equipe econômica conservadora e reforçou a economia de gastos. Um ano depois, o dólar estava 21,5% abaixo do nível pré-eleição.